

VERDADE E PLURALISMO: UM ENSINAMENTO DA CULTURA CONTEMPORÂNEA

VÉRITÉ ET PLURALISME: UN ENSEIGNEMENT DE LA CULTURE CONTEMPORAINE

Profa. Dra. Marly BULCÃO
UERJ

RESUMO

O objetivo do artigo é convidar o leitor para uma reflexão sobre os principais aspectos que norteiam a cultura e o mundo contemporâneo, através da retomada da trajetória intelectual e do ensinamento filosófico de José Américo Pessanha, personalidade marcante do nosso meio acadêmico e intelectual no período conturbado que teve início na década de sessenta e cujas idéias são a expressão da relativização da noção verdade, uma característica predominante na sociedade atual.

Palavras-chave: cultura, pluralismo, pensamento contemporâneo.

RESUMÉ

Le but de l'article est d'inviter le lecteur à réfléchir sur les aspects principaux qui dirigent la culture et le monde contemporain en reprenant la trajectoire intellectuelle et d'enseignement philosophique de José Américo Pessanha, personnalité remarquable dans notre milieu académique et intellectuel pendant la période troublée qui a son début dans la décennie des années soixantes et dont les idées son l'expression de la relativisation de la vérité, un trait prédominant dans la société actuelle.

Mots-clé: culture, pluralisme, pensée contemporaine.

Vivemos hoje sob o signo do pluralismo, da multiplicidade e da ruptura, pois o sonho místico-metafísico, acalentado até o final da Idade Moderna, de se alcançar, através da Razão Absoluta, a Soberana Unidade, foi irrevogavelmente abandonado. Tornou-se assim, impossível instituir um ponto de vista imutável e definitivo sobre temas,

seres ou eventos, assim como, tornou-se, também, impossível estabelecer um referencial intemporal e estável, resultante de uma perspectiva humana indevidamente perenizada numa verdade única. Pode-se dizer, então, que no mundo contemporâneo se dá a relativização de diversos tipos de absoluto: os teológicos, os científicos, os políticos, os éticos,

os filosóficos e os estéticos. Isto significa admitir que, no universo e na sociedade atual, a verdade é a expressão da tensão entre os contrários, do jogo de razões e de racionalismos sempre setoriais.

Mas, aceitar a multiplicidade e a diversidade não significa necessariamente rejeitar a razão. Significa, sim, retirá-la da intemporalidade, significa inseri-la na história, significa humanizá-la. Gaston Bachelard soube compreender muito bem isso, ressaltando, em sua obra, o progresso descontínuo da razão que avançou, através da retificação de seu conteúdo e de suas categorias, constituindo, assim, um saber renovado e mais abrangente. Em *L'engagement rationaliste*, Bachelard afirma:

Só se organiza racionalmente o que se reorganiza. Em conseqüência, o pensamento racionalista está sempre, não só, em instância de recomeço – isto seria dizer muito pouco – como também, de reconstrução, de reorganização.¹

Numa outra parte da obra acrescenta:

A razão felizmente incompleta já não pode dormir na tradição, já não pode contar com a memória para recitar suas tautologias. (...) Está em luta com os outros, mas principalmente com ele mesma. Esta vez tem alguma garantia de ser incisiva e jovem.²

A reflexão sobre estas questões fundamentais me faz lembrar um filósofo de nosso tempo: José Américo, o professor filósofo que, em suas aulas, transmitia com vocação singular, as idéias que hoje calorosamente defendo e que constituem o traço marcante da contemporaneidade.

Ao longo de sua vida e de sua obra intelectual, José Américo vivenciou rupturas e descontinuidades, tendo convivido com a diversidade de opiniões e experimentado injustiças sociais e políticas. Talvez por isso tenha se voltado para a crítica da Verdade Absoluta e da Razão Monológica, mostrando que estas vêm sempre aliadas ao autoritarismo e à violência, na medida em que aparecem como solução única para todos os conflitos e divergências. Chaim Perelman, pensador contemporâneo, muitas vezes enaltecido pelo mestre

já nos ensinava que havia uma vinculação estreita entre pluralismo e democracia, afirmando em sua obra:

A luta pelos direitos do homem e pela liberdade de pensamento e de expressão, pela liberdade religiosa e política, caminhando ao lado do progresso do espírito democrático, incitou os pensadores do século XX a opor às filosofias monistas filosofias de inspiração pluralistas.³

Com José Américo, aprendemos que o caminho da verdade é aquele pelo qual, nós, mortais de duas cabeças, transitamos, um caminho pleno de ambigüidades e contradições, no qual a clareza não habita jamais, é o caminho da multiplicidade de pontos de vista, do dissenso, dos acordos eventuais e dos embates argumentativos, é o caminho do relativo e do relacional.

É nesse sentido que considere relevante descrever aqui a trajetória de vida e de pensamento de José Américo, pois sua história é, fundamentalmente, um ensinamento da verdade, de uma verdade eminentemente humana.

A vida e a carreira de José Américo foram marcadas por acontecimentos importantes e decisivos.

Em 1955, José Américo se tornava Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

Tendo se destacado durante o curso de graduação como aluno excepcional, foi convidado pelos professores Maurílio Teixeira Leite Penido e Álvaro Vieira Pinto para lecionar na própria Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) dando início, assim, a sua carreira docente.

Alguns anos depois, com o afastamento do Prof. Vieira Pinto da cátedra de História da Filosofia, da qual era titular, para assumir a direção do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), o Prof. José Américo passou a dividir com a Profa. Vanda Soares, os trabalhos da cátedra nos cursos de Filosofia, Pedagogia e Ciências Sociais.

Sua carreira docente foi, entretanto, desde o início, entremeada de ameaças e obstáculos.

⁽¹⁾ Bachelard, Gaston. *L'engagement rationaliste*, Paris, PUF, 1972, pag.50.

⁽²⁾ *Ibid.* Paris, PUF, 1972, pag.12.

⁽³⁾ Perelman, Chaim. *La philosophie du pluralisme et la Nouvelle Rhétorique* in *Revue Internationale de Philosophie* nº 128.

Como todos sabem, o ano de 1964 foi um ano bastante conturbado, não só no país, como também na Faculdade Nacional de Filosofia. Assim, por ato do governo federal, o Prof. Vieira Pinto foi aposentado compulsoriamente, deixando subitamente a cátedra de História da Filosofia sem professor titular responsável. José Américo assumiu, então, a responsabilidade das aulas, continuando a lecionar, juntamente com a Profa. Vanda para que não houvesse prejuízo dos cursos. Era na ocasião professor auxiliar de ensino.

No ano seguinte, foi aberto concurso para preenchimento da cátedra de História da Filosofia. O Prof. Antonio Gomes Pena, titular da cadeira de Psicologia e integrante do Departamento de Filosofia insistiu, juntamente com outros colegas do Departamento, para que o Prof. José Américo se inscrevesse no concurso. Para isso, deveria preparar tese para obtenção do título de “notório saber”, condição indispensável para que pudesse participar da disputa pela cátedra, já que, pela precipitação dos acontecimentos, não tivera oportunidade, ainda, para obtenção do título de doutor ou de livre-docente, requisitos exigidos na ocasião.

Embora considerando extremamente penoso solicitar medida excepcional, que seria a concessão do título de “notório saber”, o Prof. José Américo, por insistência de alguns colegas do Departamento, encaminhou à Direção da Faculdade a tese “Empédocles e a Democracia”, juntamente com requerimento, no qual solicitava inscrição no concurso de provimento da cátedra de História da Filosofia.

Mais uma vez, medidas políticas alteraram a ordem natural dos acontecimentos.. Por decisão do governo federal, a Universidade do Brasil foi reformada, acabando-se, assim, com a existência das cátedras. A Faculdade Nacional de Filosofia foi, então, dividida em Institutos, sendo o Departamento de Filosofia alocado no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. O Prof. José Américo foi, então, integrado ao Departamento de Filosofia na condição de Professor Regente da cadeira de História da Filosofia com direito a participar da Congregação.

Em 1969, a carreira docente do Prof. José Américo se viu mais uma vez ameaçada, sendo,

dessa vez, interrompida brusca e subitamente por longo período de tempo. Incluído na lista de professores aposentados pelo AI-5, José Américo era, então, afastado do magistério oficial.

Durante os anos em que se dedicou ao ensino na Faculdade Nacional de Filosofia, José Américo conquistou os alunos pela profundidade de seu discurso filosófico, empenhado sempre em mostrar que o ato de ensinar não constitui mero trabalho acadêmico, mas é fundamentalmente exercício de pensar, através do qual professor e aluno alcançam a verdadeira unidade.

No período em que esteve ausente da Universidade por imposições maiores, José Américo se dedicou com afinco à pesquisa e a atividades culturais.

Como diretor editorial da Abril Cultural, contribuiu de modo significativo para a divulgação do pensamento filosófico, do pensamento econômico, dos mestres da música e dos clássicos da literatura mundial. A importância dessas obras é reconhecida nos meios acadêmicos, uma vez que permitiu acesso a textos de autores importantes, até, então, inacessíveis aos estudantes universitários, por não terem sido, ainda, traduzidos no Brasil.

Mais tarde, devido à importância do pode ser um meio de viver melhor o futuro”.*

Durante o período em que esteve ausente da universidade, José Américo proferiu também inúmeras conferências, tornando-se, assim, conhecido em todo o território nacional pela profundidade de seu discurso filosófico.

Embora admitindo que a linguagem oral, mais viva e mais dinâmica, é a mais adequada ao filosofar, mas, consciente, por outro lado, de que a linguagem filosófica é inevitavelmente múltipla, José Américo se dedicou também à elaboração de alguns textos, posteriormente publicados, nos quais aborda o pensamento de Platão e o de Bachelard.

Todos esses trabalhos, resultantes de pesquisas, às quais vem se dedicando durante toda a sua vida, convergem para o tema da razão, nos quais se torna evidente a crítica à racionalidade absolutizante e formalista que aparece sempre num confronto com outros tipos de racionalidade.

(*) Entrevista dada por José Américo para o Jornal do Brasil - 26/11/86.

Em 1980, depois de 11 anos de ausência da universidade e de estar afastado da prática do magistério, José Américo é chamado a reintegrar o Departamento de Filosofia, em virtude da anistia concedida pelo governo federal.

É reintegrado, então, como professor assistente, o que estava em desacordo com a situação de Professor Regente de cátedra, que ocupava ao deixar a universidade em 1969.

Após alguns anos de prática docente, alguns alunos seus e professores do Departamento de Filosofia se mobilizaram, exigindo que José Américo tivesse seu valor reconhecido pela Congregação e pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi-lhe, então, concedido o título de “alta qualificação”, o que permitiu o exercício pleno de sua atividade docente na graduação e na pós-graduação do Departamento de Filosofia.

Ao retornar, José Américo encontrara uma outra Universidade. Dilacerada pelos anos de violência e ditadura, a filosofia quase sucumbia num ambiente em que o exercício de pensar tinha que ser novamente aprendido.

Foi o Prof. José Américo que me iniciou no fascinante jogo da razão filosófica quando, pela primeira vez, entrei na, então, Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, para fazer meu curso de graduação. Muitos anos depois, o Prof. José Américo estava novamente a meu lado, contribuindo com sua orientação inestimável para a elaboração de minha tese de Doutorado, defendida no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro em abril de 1990.

Lembro-me com saudade de suas aulas, nas quais procurava insistentemente mostrar que a filosofia é fundamentalmente exercício de reflexão, deixando-nos entrever, assim, o grande filósofo e pensador que sempre fora.

Em suas aulas, diante da classe seduzida pelo seu discurso, José Américo empreendia longas viagens. Da Grécia Clássica chegava aos dias atuais, detendo-se em cada pensador, sem, entretanto, repetir, apenas, suas idéias. Descobria, em cada um, nova faceta, ao mesmo tempo em que ia,

como Penélope, tecendo lentamente, inteligentemente suas próprias idéias filosóficas.

No ato de ensinar, o Prof. José Américo deixava que suas idéias brotassem, e, num jogo fascinante de filosofar, aproximava a linguagem sibilina de Heráclito do logos platônico, ao mesmo tempo em que das profundezas do pensamento contemporâneo de Bachelard fazia emergir Empédocles, filósofo que na antigüidade grega, “democratiza e humaniza os fundamentos do verdadeiro conhecimento”.*

Para José Américo, a filosofia era, antes de tudo, exercício de pensar. Era busca da verdade, da verdade acessível ao humano, “ao apenas humano”, da verdade relacional e mutável que pode ser encontrada no plural e no disperso. Da verdade que é alcançada através de construção gnoseológica artesanal, na qual os diferentes sentidos de razão encontram sua unidade, através de dialógica democratizadora.

José Américo contestava o logos monárquico, monológico absolutista, cuja pretensão é penetrar no território dos deuses, da imortalidade, do silêncio.

É nesse sentido que José Américo resgatava Empédocles, referindo-se ao fragmento dois, no qual o filósofo grego adverte ao homem: “Irás aprender não mais do que pode alcançar a compreensão de um mortal” e ao fragmento três, no qual o filósofo suplica às Musas: “Envia às efêmeras criaturas, apenas quanto lhe seja permitido ouvir”.

É nesse sentido que José Américo compreendia Platão, mostrando o pensamento deste como revolução que afeta as premissas do eleatismo parmenidico, nas quais a verdade é identificada ao discurso monológico da Deusa.

O Platão de José Américo é o filósofo que desenvolve dialética construtiva e retificadora, é o geômetra que, através do exercício de pensar reformula e aprofunda suas hipóteses. Desvelando a profundidade do pensamento platônico, José Américo nos ensina:

A dialética platônica, apesar das mutações que apresenta, permanece basicamente uma

(*) José Américo, **Cadernos Cinza**, p. 14.

justa filosófica, disputa na qual o prêmio da verdade está prometido - promessa, cujo cumprimento é continuamente adiado - ao vencedor de árduas competições argumentativas".⁴

É nesse sentido que José Américo retomava Bachelard, cuja razão aberta se desenvolve pela retificação de conceitos, pela renovação das aplicações, progredindo sempre e cada vez mais quando os fundamentos são novamente retificados.

É nesse sentido que José Américo exaltava Perelman, filósofo contemporâneo, formulador da Nova Retórica, cujas reflexões mostram que a razão monológica é sempre aliada ao autoritarismo e à violência, enquanto a razão pluralista, fundamentada na tensão entre argumentos e opiniões, consegue legitimar a liberdade democrática que conduz a acordos provisórios, porque humanos e temporais.

Com o intuito de deter a desmedida humana que leva à busca da Verdade Absoluta e que tem, muitas vezes acalentado o sonho híbrido de cientistas e filósofos, devemos relembrar, na conclusão deste texto, as palavras proferidas por José Américo, quando em suas aulas voltadas para a crítica ao racionalismo monológico e absolutizante, nos ensinava:

A sábia modéstia que confina o discurso da verdade nos limites intransponíveis do humano, apenas humano, não contradiz a ambição de se construir dessa forma uma obra de beleza, digna de ser apresentada aos deuses como homenagem. Pois, a verdade filha das múltiplas experiências conjugadas com proporção e medida é também uma obra de arte, um quadro votivo constituído por extraordinária riqueza de matizes e variedade de formas".*

⁽⁴⁾ Pessanha, José Américo. *Platão: as várias faces do amor* in Os Sentidos da Paixão, São Paulo, Companhia das Letras, 1987, pag.78.

⁽⁷⁾ Anotações de aula proferidas por José Américo.